

1998 – REVISTA/MAGAZINE – AUSTRAL Nº 28

TELES GRILO, Maria João (1998) “Arquitecturas da Possessão”, in revista Austral, nº 28, revista de bordo TAAG

TELES GRILO, Maria João (1998) “Architectures of Possession”, in Austral magazine, nº 28, TAAG on-board magazine

ARQUITECTURAS DA POSSESSAO

(...)

O interior de África Ocidental é -nos dado a conhecer pelo olhar dos Árabes. Estes, que ocuparam o Norte de África depois do século VIII, praticavam comércio activo com a zona a sul do Saara, traficando ouro e escravos em troca de sal tecidos e metais. Numerosas crónicas de que se destacam as d'al Bakri, (século XI), al Idrisi (século XII) e Ibn Battuta, (século XIV), descrevem-nos o reino da Ghana, Mali e depois Songhai, as várias modalidades do comércio, as suas cidades e até os seus habitantes. Estas crónicas transmitem-nos a imagem de uma África rica em ouro, envolvida numa aura de mistério: a localização das minas e os seus acessos, mantiveram-se secretos e religiosamente guardados pelos diferentes estados africanos que controlavam o seu comércio, sem no entanto assegurarem a sua produção.

Muito mais raras são as informações referentes à zona costeira, de que há notícias apenas das trocas do tráfego de escravos entre as sociedades do litoral e as regiões do interior frequentadas pelos povos árabes. Os povos comerciantes do Mar Vermelho e do Índico, antes de 622 da era cristã (o primeiro ano do calendário muçulmano) não conseguiram resolver os problemas técnicos que se colocavam a navegação ao longo da faixa atlântica. Por isso o conhecimento entre as duas costas é substancialmente diferente, contraste este ultrapassado pelas descobertas trazidas pelos navegadores europeus no século XII e XIII. A introdução do ETAMBOT, que permitia uma maior precisão nas manobras, das velas triangulares, ditas latinas, (já conhecidas na época romana) que equiparam as caravelas a partir de 1440, as bússolas (de origem chinesa) e os astrolábios passaram a permitir uma mais correcta localização no espaço e no tempo. Até então os ocidentais deviam os seus conhecimentos da região, ao saber árabe, adquiridos pela comunidade judaica do Magreb.

(...)

O interesse de Portugal por Africa surge primeiramente pelo ouro comercializado pelos árabes. Para tal o rei D. João II manda construir, em 1481/82, em " A Mina", zona assim chamada pela sua riqueza mineira, o forte de S. Jorge d' Elmina, no actual Ghana, primeira construção europeia em África. Esta fortaleza/castelo, foi construída em apenas vinte dias com madeiras e pedras, que em blocos numerados, numa primeira aproximação aos conceitos hoje chamados de pré-fabricação, foram trazidos em dez caravelas que transportaram também os seus construtores e artífices. Esta imponente fortificação foi modelo para grande parte dos fortes construídos na costa africana e é ainda hoje considerada uma das mais belas peças de arquitectura militar nesta região.

(...)

O comércio de escravos fazia-se sob a égide de companhias que dispunham do monopólio comercial numa determinada região costeira. A exportação de milhões de pessoas provocou alterações substanciais na evolução demográfica do continente. O lucro do comércio negreiro multiplicou os conflitos dentro das sociedades africanas, também elas participativas do comércio dos seus iguais e determinou o nascimento de estados africanos em função das hierarquias de importância na sua participação. Perto da costa, talvez como reacção, e sequência das possessões escravagistas, nasceram vários reinos como Aashanti, d' Abomey, e as cidades-estado do delta do Níger. Estas vendiam escravos em troca de armas que garantiam a solidificação dos seus poderes e da criação de zonas de influencia regional, como o estado teocrático de Fouta-Djalou no inicio do século dezoito, império de Samori Touré a partir de 1865.

(...)

Maria João Teles Grilo

In **Arquitecturas da Possessão**, revista **Austral** nº 28 - 1998